



# A casa dos consertos

## Dinâmica 7

9º Ano | 4º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	ANO	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	9º do Ensino Fundamental	O sentido de palavras e expressões.	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfo-sintáticos.

DINÂMICA	A casa dos consertos.
HABILIDADE PRINCIPAL	H28 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfo-sintáticos.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H22 – Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
CURRÍCULO MÍNIMO	Observar os nexos lógicos no texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.

Professor, nesta dinâmica, você desenvolverá as seguintes Etapas com seus alunos:

ETAPAS		Atividade	Tempo Estimado	organização	Registro
1	Apresentação da dinâmica e leitura dos textos motivadores.	Análise e discussão dos textos.	20 min	Toda a Turma.	Oral/ Individual.
2	Análise dos textos e sistematização dos conteúdos.	O uso da linguagem.	30 min	Grupos de 5 alunos.	Escrito/ Grupo.
3	Análise e produção.	Releituras.	30 min	Toda a Turma.	Escrito/ Individual
4	Autoavaliação.	Questão do Saerjinho.	20 min	Toda a Turma.	Escrito/ Individual

#### Recursos necessários para esta dinâmica:

- Texto motivador disponível no material do aluno.
- Exercícios disponíveis no material do aluno.

## ETAPA 1

### APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E LEITURA DOS TEXTOS MOTIVADORES



#### DISCUSSÃO DOS TEXTOS

Prezado/a professor/a,

Nesta dinâmica, leremos dois textos motivadores que pertencem a um clássico da literatura: **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga. Esse é um livro bastante lido e que, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), encontra-se em todas as escolas públicas do Brasil. Facilmente nos esbarramos com algum leitor da obra e recordamos da protagonista – Raquel – e de suas vontades reprimidas.

O intuito dessa dinâmica é “Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos”. Na Etapa 1, teremos dois fragmentos da obra citada, em que poderemos notar como a escritora faz um trabalho artístico com as palavras trazendo sentidos diferentes para o texto. Na Etapa 2, trabalharemos diretamente com o sentido que algumas palavras trazem a partir da aquisição de afixos. Já na Etapa 3, a atenção será dada para a pontuação e sua importância para a construção de significado. Por fim, na Etapa 4, poderemos exercitar o conteúdo abordado numa questão utilizada no SAERJINHO.

Nesta dinâmica, nos será apresentada a leitura de um clássico da literatura infanto-juvenil: **A bolsa Amarela**, de Lygia Bojunga. Certamente algum colega da classe já

deve ter lido um livro da escritora e conhece a sua linguagem. O segundo Caleidoscópio trará a leitura de um trecho de **A reforma da Natureza**, do renomado escritor Monteiro Lobato. Com as duas leituras, você poderá perceber como os textos, por meio de sua linguagem, interagem em si. Aproveite a dinâmica e mergulhe no universo maravilhoso da leitura!

## Condução da atividade

- *Leia para os alunos os textos motivadores da dinâmica.*
- *Apresente aos alunos os significados das palavras que não pertencem ao universo linguístico deles e que foram apontadas na leitura.*
- *Promova um debate sobre a obra de Lygia Bojunga: Alguém já leu algum texto dela?; Conhecem o livro?; Já viu algum exemplar na biblioteca?*
- *Também aproveite a temática da reciclagem para elaborar um debate sobre o reaproveitamento de materiais: Alguém faz algum tipo de reciclagem: separação do lixo, artesanato, reaproveitamento de objetos? Caso tenha ocorrido na escola algum projeto sobre o tema, alguém faz parte? Como foi?*



## Orientação didático – pedagógica

*Professor/a,*

*O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e os sentidos da linguagem e da língua.*

*Sabemos que essa linguagem contribui para a formação de leitores que saibam reconhecer as sutilezas e os sentidos que a construção literária traz. É papel fundamental do professor aproximar o aluno dessa linguagem e orientá-lo. De tal forma, ao introduzir o aluno na dinâmica, o professor deverá conduzir a atividade com um debate sobre a linguagem literária e sobre a construção linguística realizada por Lygia Bojunga.*



**A CASA DOS CONSERTOS**

Lygia Bojunga

Entrei. A Casa dos Consertos se dividia em quatro partes. Na primeira tinha uma menina assim da minha idade; na outra tinha um homem; na outra, uma mulher, e na outra, um velho. A menina estava estudando, a mulher cozinhando, o homem consertando um relógio, o velho consertando uma panela.

Tossi – pra ver se eles olhavam pra mim. Mas os quatro estavam tão interessados nas coisas que eles estavam fazendo que nem me viram nem nada.

A mulher cozinhava cantando baixinho. Uma música boa mesmo da gente ouvir. Volta e meia ela provava a comida, e aí ficava com uma cara ainda mais feliz.

Tinha um bolo assando no forno; a casa toda cheirava a bolo. Um cheiro tão bom, que o Afonso, as minhas vontades, o Alfinete, todo mundo resolveu espiar pela janela pra ver a cara do cheiro. Falei:

– Hmm, que delícia! – Mas os quatro não ouviram.

A menina estava fazendo o mapa do mundo. Caprichava nas cores pra ver se cada país ficava tão bom quanto o outro, escrevia nome de capital, de cidade, parava pra pensar, olhava nos livros, escrevia de novo, desenhava outra vez.

O homem botou o relógio no ouvido e ficou todo satisfeito:

– Ah, agora sim, o tique-taque tá bom, agora sim!

E o velho espiou o fundo da panela e falou:

– Vou soldar essa panela tão bem soldada que ela ainda vai cozinhar muitos anos. – Deu uma risada. – Bobalhona! Pensou que só porque estava velha não servia pra mais nada.

E os quatro pararam o que estava fazendo só pra rir da panela, que era tão boba, coitada, que achava que só porque era velha não servia pra mais nada. (...)

O homem pendurou o relógio na parede.

– Pronto, você já tá curado. – Pegou um vaso quebrado e fez uma festinha nele: – Agora vamos ver como é que colo você. Examinou ele bem. – Você vai ficar novo. Ninguém vai pensar que já quiseram até te jogar fora. (...)

Aí eles me viram. Deram um oi super legal. Peguei a Guarda-chuva e mostrei pro homem:

– O senhor podia consertar essa Guarda-chuva pra mim?

Ele examinou a Guarda-chuva com muito cuidado:

– Puxa, ela deve ter levado cada tombo!

– Se levou. E agora não pode nem abrir nem passar pra grande nem nada. Tem concerto?

– Claro que tem. Quase tudo tem concerto.

BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1986. (Fragmento)

## TEXTO II

### A CASA OS CONCERTOS

Lygia Bojunga

O pessoal da bolsa amarela estava louco pra ver se na hora da Guarda-chuva desenguiçar, a história dela desenguiçava também. Depois do almoço o Afonso saiu na moita com a minha carta e com a história do Terrível debaixo da asa. Demorou. Demorou toda a vida. Quando ele e a Guarda-chuva chegaram eu já tava aflita:

– O que é que aconteceu, Afonso?

– Olha aí como ela tá novinha em folha!

A Guarda-chuva estava com a cara mais feliz do mundo. Abriu, fechou, tossiu, espirrou, passou de pequena pra grande e de grande pra pequena, riu e mostrou as varetas novas.

– E a história dela? Também desenguiçou?

– Pois foi por isso que eu demorei: ela ficou até agora lembrando o resto da história.

– Ah, conta! Conta pra gente!

E Afonso então contou:

– No dia que a Guarda-chuva enguiçou, tinham saído com ela debaixo de uma chuva danada. Chegaram em casa e deixaram ela aberta junto da janela pra secar. Ela ficou com frio, e pra ver se esquentava, começou a passar de pequena pra grande, de pequena pra grande, até que estalou, enguiçou, não passou pra mais nada. Foi nessa hora que bateu um vento forte. O vento levou a chuva embora, trouxe uma tarde bonita, passou rentinho da janela e vuuuuuuuu! carregou a Guarda-chuva pelos ares. Ela morava no oitavo andar, tá bem?

– Ah, coitada! Caiu de lá de cima?

– Coitada coisa nenhuma: desceu no macio, devagarinho, voando um pouco pra cá, pra lá, vendo a vista, sentindo o vento na cara; desceu que nem pára-quedas. E a-do-rou! Achou tão gostoso que já no meio do caminho resolveu que ia mudar de vida: queria ser pára-quedas.

– É mesmo?

– É. Mas não deu pé: caiu de mau jeito e quebrou quatro costelas.

– Desde quando guarda-chuva tem costela?

– Tem vareta: dá no mesmo. Aí eles levaram ela pro hospital. Mas se enganaram de médico e ela foi cair na mão de um dentista. Ele obturava cárie o da inteiro, só via cárie na frente dele, nem reparou que ela era guarda-chuva, obturou as varetas e pronto. Nunca mais a Guarda-chuva funcionou: vareta é o tipo da coisa que a gente não pode obturar. Então ninguém mais usava a Guarda-chuva. Ela ficava pendurada o tempo todo num cabide que tinha perto da janela.

BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1986. (Fragmento)

## ETAPA 2

### ANÁLISE DOS TEXTOS E SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS



#### 0 USO DA LINGUAGEM

Ao nos comunicarmos com alguém, muitas vezes utilizamos algumas palavras com o seu sentido/significado diferente. Isto acontece, por exemplo, no caso de alguns aumentativos e diminutivos que são usados não para dizer que algo é grande ou pequeno, mas sim para dar ênfase a alguma situação. Por exemplo, quando dizemos que *Joana comprou um carrão*, não queremos dizer que ela comprou um carro grande, e sim novo, bonito, não é?

Ao longo do Texto I e do Texto II, Lygia Bojunga utiliza algumas palavras que estão flexionadas no aumentativo e no diminutivo. A seguir, aponte no texto as ocorrências e identifique se as palavras foram usadas com o sentido real (denotativo) ou com o sentido figurado (conotativo). Neste último caso, explique o seu sentido.

#### Condução da atividade

- *Conduza a atividade orientando os alunos e dirimindo as dúvidas que surgirão.*
- *Divida a turma em grupo de 5 alunos.*
- *Ao término de toda atividade, verifique com os alunos as respostas.*



Professor/a,

*Essa atividade propõe incutir nos alunos o olhar crítico para a obra literária. Nela, eles poderão aguçar sua capacidade de reconhecer palavras ou expressões que são utilizadas de modo diferente do senso comum e observar sua importância para a compreensão global da obra.*

*Segundo Garcia (1986, p. 158), a linguagem ideal seria aquela em que cada palavra designasse ou sugerisse somente uma coisa, correspondesse a uma só ideia e possuísse um único sentido. Como isso não ocorre, as palavras são, por natureza, enganosas, porque polissêmicas.*

*Cabe ao aluno, para a expansão de seu conhecimento de mundo, saber reconhecer as acepções díspares e diversas que a palavra assume dependendo de seu contexto. Cabe ao professor, condutor nas veredas da linguagem, auxiliar seu alunado e propiciar situações em que eles poderão pôr em prática essas questões.*



Ocorrência	Significado

Ocorrência	Significado
A mulher cozinhava cantando <b>baixinho</b> .	Sentido denotativo.
– Deu uma risada. – <b>Bobalhona!</b>	Sentido denotativo.

Ocorrência	Significado
Pegou um vaso quebrado e fez uma <b>festinha</b> nele:	Não quer dizer que fez uma festa pequena, e sim um brincadeira com o vaso.
– Olha aí como ela tá <b>novinha</b> em folha!	Sentido denotativo.
Passou <b>rentinho</b> da janela e vuuuuuuuuuu.	Sentido denotativo.

## Caleidoscópio

### “UMA MINHA CASA”

Lygia Bojunga

*Acho que o meu eu artesã ganhou expressão quando eu fiz a minha primeira casa. Eu tinha seis anos. Foi lá no Rio Grande do Sul.*

*No verão, a gente saía de Pelotas (cidade onde eu nasci e morei até os oito anos) e ia pro Retiro, pra chácara de minha família, onde o meu pai experimentou várias criações: faisão, pavão, coelho, porco, galinha d'angola, galinha daqui, galinha de lá.*

*Um dia eu entrei num galinheiro desativado. Um pedaço dele tinha desabado. Mas o resto do galinheiro me pareceu ótimo, tipo do espaço bom pra eu fazer “uma minha casa”. Pedi pro meu pai, e o meu pai me deu.*

*Pra desespero e terror da minha mãe, no primeiro dia que eu voltei da minha casa eu estava cheia de piolho. Não me lembro quantas horas a minha mãe gastou passando o pente-fino no meu cabelo. Mas me lembro que eu não abri mão: com piolho ou sem piolho, eu ia voltar pra minha casa. Então o meu pai mandou desinfetar o galinheiro com um remédio poderoso que, rapidinho, apagou todo e qualquer vestígio de tudo que é geração de piolho que tinha andado por lá e que deixou na minha casa um cheiro abominável durante semanas a fio.*

*Assim que o cheiro foi passando, eu fui levando pro galinheiro tudo que é boneca, e brinquedo, e prato, e panela, e mais aquele pessoal todo que eu descobria nos costureiros da minha mãe: agulha, linha, tesoura, retalho, novelo de lã, ovo de cerzir meia, colchete, pressão. Levei também um bocado de botão pra conversar. E brincar de minha casa tomou conta de mim. Cada vez que eu ia pra lá, a minha mãe não sossegava: pendurando pano na tela pra fingir de cortina, usando um poleiro pra virar ele em cabide, o outro pra varal, arrastando tijolo desabado pra fazer fogão e pra marcar no chão que aqui é a sala, ali, a cozinha, o quarto eu faço amanhã, fazendo gaveta de graveto pra ir botando lá dentro agulha, linha e botão, trazendo fola seca pra fazer colchão, travesseiro e almofada pra urso e*



*boneca dormir, catando pedrinha pro piso da varanda (o pedaço desabado virou logo varanda), botando areia no prato pra fazer farofa, e barro pra fazer de pirão, e descobrindo assim o prazer de inventar um outro uso pro que o meu olho via e a minha mão pegava: esta folha vai dar colchão, esta areia vai dar farofa, este poleiro vai dar cabide; e depois alargando o prazer: deu!*

*Passei muitos anos esquecida dessa minha primeira casa. Mas um dia eu enxerguei ela de novo aqui da janela. E me dei conta do quanto aquele espaço tinha norteado a ideia que eu formei depois de “uma minha casa”: um espaço que a minha mão tinha que ajudar a fazer, mesmo só botando vidro em janela ou ajudando a fazer um piso: um espaço que, ao ficar de pé, a minha mão ia poder vestir.*

BOJUNGA, L. **Feito à mão**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.



## ETAPA 3

### ANÁLISE E PRODUÇÃO



#### RELEITURAS

A pontuação exerce um importante papel na elaboração de sentidos de um texto. É comum que os autores explorem os recursos de pontuação para expressarem determinados pontos de vista numa história. Pensando nisso, faça as atividades 1 e 2.

### Condução da atividade

- Oriente seus alunos para a elaboração da atividade individualmente.
- Caso necessário, retorne ao texto com os alunos para dirimir as dúvidas.
- Ao final faça, com a turma, mais apontamentos no texto base da dinâmica.



Professor/a,

*A atividade pretende, em consonância com a anterior, trabalhar com a intenção provocada no texto por meio de signos. Nela, o aluno poderá mais uma vez treinar seu olhar perscrutador e perspicaz para a leitura profunda que a literatura proporciona.*

*Sem a mediação do código literário e seus signos, nem o autor produziria a mensagem, ou o texto literário, nem o leitor a decodificaria de forma eficaz. Sobre o papel do autor na decodificação de sentidos, Aguiar e Silva (1991, p. 254) diz que: “O código literário constitui um programa, isto é, uma série de instruções e de operações ordenadas que lhe possibilitam praticar uma determinada escrita”.*

*Sabendo que os sinais expressivos, comumente, ultrapassam o aspecto meramente gramatical agregando sentido ao enunciado, os escritores em geral utilizam dessa função para trazer significado ao texto literário. Aqui o aluno terá que saber o sentido e a função desses elementos em detrimento de sua regra gramatical, pois em alguns casos eles fogem à regra.*



### ATIVIDADE 1

Observe as passagens destacadas no texto e assinale a resposta correta

- a. Qual efeito de sentido que o ponto de exclamação insere na passagem “– Hmm, que delícia! – Mas os quatro não ouviram.”
- ( ) admiração      ( ) surpresa      ( ) dúvida      ( ) medo
- b. Com qual objetivo o autor utilizou vírgulas na passagem: “Abriu, fechou, tossiu, espirrou, passou de pequena pra grande e de grande pra pequena, riu e mostrou as varetas novas.”?
- ( ) Fornecer argumentos.
- ( ) Fazer uma enumeração.
- ( ) Apresentar exemplos.
- ( ) Mostrar exemplos.
- c. No fragmento “– Ah, agora sim, o tique-taque tá bom, agora sim!”, o uso ponto de exclamação produz um efeito de:
- ( ) espanto      ( ) susto      ( ) terror      ( ) alívio
- d. No fragmento “– Ah, conta! Conta pra gente!”, o uso do ponto de exclamação expressa:
- ( ) dúvida      ( ) ansiedade      ( ) medo      ( ) alívio

- a. *Admiração. No trecho, a personagem fica admirada com o cheiro gostoso do bolo.*
- b. *Fazer uma enumeração. Nesse caso, podemos perceber que a passagem enumera uma sequência de ações.*
- c. *Alívio. Nesse caso, o personagem sente-se aliviado por acabar de consertar o objeto.*
- d. *Ansiedade. Nesse caso, a ansiedade é marcada pelo desejo de querer conhecer a história rapidamente.*



## ATIVIDADE 2

Explique, com suas palavras, o efeito de sentido obtido com a pontuação utilizada nas frases em seguida:

- a. “E a-do-rou!” (linha...)

---



---



---

- b. “Nunca mais a Guarda-chuva funcionou: vareta é o tipo da coisa que a gente não pode obturar.” (linha ...)

---



---



---

- a. *A utilização do hífen para silabar a palavra produz a sensação que a personagem teve no momento da queda.*
- b. *Os dois-pontos são utilizados no fragmento para dar uma explicação da informação anterior. Nesse caso, a pontuação funciona como uma preparação para a explicação.*



## A REFORMA DA NATUREZA (Fragmento)

### Capítulo VIII – No dia seguinte

Monteiro Lobato

No dia seguinte pularam da cama muito cedo e retomaram a obra da reforma da Natureza. Tudo era examinado e reformado no que lhes parecia torto. A Rãzinha continuava com as ideias mais absurdas, de verdadeira maluca. A reforma do Quindim, por exemplo, que a Rã fez sozinha, era a coisa mais esquisita que se possa imaginar. Em vez do famoso chifre sobre o nariz, que é necessário a todos os rinocerontes, a Rã botou uma flecha de cupido com um coração assado na ponta. Assado, imaginem! E ornamentou os cascos de Quindim com pinturas: Branca-de-Neve com todos os seus anões. E trocou as quatro pernas do rinoceronte por quatro pernas diferentes – uma de veado, outra de ganso, outra de jacaré, outra de pau. E substituiu aquele couro duríssimo por um revestimento muito bem trançado de palhinha de cadeira. Cauda, botou duas; depois três, depois dez, depois cem; deixou-o com um verdadeiro varal de caudas dando volta inteira em redor do pobre animal.

A reforma do Quindim saiu tal disparate que nem andar ele podia – uma perna não acompanhava a outra, e havia a tremenda atrapalhão de tantas caudas, todas diferentes, umas com borlas na ponta, outras com espinhos de ouriço, outras com campainhas.

Quando Emília foi ver a “obra”, não pode deixar de rir-se. Aquilo era o “bisurdo dos bisurdos”. Quindim estava transformado num verdadeiro destampatório.

– Isso não é reformar, Rãzinha! – disse ela. Isso é escangalhar com uma pobre criatura. Ele já não é rinoceronte nem nenhum bicho possível. Virou quarto de badulaques, baú de mascate. Que judiação!...

– E você deixa que ele fique assim? – implorou a Rã, com medo que Emília desmanchasse aquela obra-prima do disparate humano.

– Deixo por enquanto – respondeu Emília, como castigo da preguiça, da velhice e neurastenia que ele anda mostrando duns tempos pra cá. No dia do plebiscito sobre o Tamanho Quindim me traiu – recusou-se a votar. A falta desse voto deu vitória ao Tamanho e eu saí lograda. Agora que aguente. Mais tarde vou reformá-lo de novo mas com critério científico...

A Rã ou era mesmo maluca ou estava “sabotando” a obra reformatória da Emília. Todas as ideias que apresentava eram tontas, como aquela da mudança dos morros.

– Que é isso? – perguntou Emília.

Ah, isto é uma das reformas que acho mais necessárias: a reforma dos morros. Sempre que tenho de subir num morro, fico cansada e sem fôlego. E então imaginei uma coisa assim: os picos serão para baixo, em vez de serem

para cima, de modo que quando a gente tem de ir ao pico dum morro, desce, em vez de subir...

Emília ficou a olhar, ora para a Rã, ora para o desenho. Era uma reforma que deixava tudo na mesma. Quando alguém que descesse ao pico do morro tivesse de voltar, teria de subir para o vale...

– Não. Essa ideia está boba. Muito melhor fazermos os morros bem baixinhos, de modo que não canse a gente; ou então deixarmos os morros em paz. Para que subir morro?

LOBATO, M. **A reforma da Natureza**. São Paulo: Brasiliense, 1960. (Fragmento)



## ETAPA 4

### AUTOAVALIAÇÃO



### QUESTÃO DO SAERJINHO

	Palavras pantanosas
5	É uma língua rica, esta nossa, derivada do português falado em terras lusas e moldada, ao longo dos anos, por influências regionais e contribuições dos imigrantes. Quinhentos e onze anos depois do descobrimento oficial do Brasil, a variedade de vocábulos e expressões de que dispomos para nos comunicar é tão vasta que, em determinados momentos, confunde nossa cabeça. Quando criança, por exemplo, sem um esboço mental que me permitisse visualizar Brasília, eu ficava imaginando o que seriam “cidades-satélites”. [...]
10	Mas Brasília não tem esquinas, viviam me dizendo – e essa era outra coisa difícil de imaginar. Como assim, sem esquinas? Quer dizer que nessa cidade nada se cruza? Muito tempo depois dessa infância feliz, regada a Monteiro Lobato e a seriados como <i>Os Jetsons</i> , <i>Perdidos no espaço</i> e <i>Os Flintstones</i> , comecei a perceber que esquina nem sempre é aquilo imaginado por gente não nascida em cidade planejada, como eu.[...]
15	É questão de tempo. Cada um, algum dia na vida, esbarra em uma palavra que não significa aquilo que parece. Usucapião eu até sei o que é – nos dias de hoje, tem o mesmo sentido de alguém ocupar um lugar que não é seu, se fazer de sonso, deixar o tempo passar e, se colar, colou: a pessoa fica proprietariazinha daquilo que, a rigor, jamais lhe pertenceu. Mas, ao ouvir essa palavra, a primeira imagem que me vem à cabeça é a de algum passarinho bravo, implacável na hora de defender o seu ninho; possivelmente tem bico afiado e usa-o para espetar quem se mete em seu pedaço.

NETO, Chico. Crônica da cidade. *Correio Braziliense*, 8 mar. 2011. Fragmento. (P091074RJ\_SUP)

(P091075RJ) No trecho “... a pessoa fica **proprietariazinha** daquilo que, a rigor, jamais lhe pertenceu” (l. 15), o uso de diminutivo na palavra destacada sugere

- a. afetividade.
- b. desprezo.
- c. humor.
- d. tamanho.

A resposta correta é a letra “B”. Por meio do contexto, percebemos que o significado da palavra *usucapião* concorre para o entendimento. A Letra “A” não está correta, pois em nenhum momento o texto remete a qualquer afetividade. A letra “C” não está correta, pois mais uma vez não há referência anterior a nenhum fato humorístico. A letra “D” não está correta, pois o uso do sufixo *-zinha*, neste caso, não é usado como diminutivo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1991.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Feito à mão**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- LOBATO, M. **A reforma da Natureza**. São Paulo: Brasiliense, 1960.

## LEITURAS COMPLEMENTARES SUGERIDAS

### LIVROS PARA O PROFESSOR:

- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

Baseado em exaustivas pesquisas, Othon Moacyr Garcia completa o que já foi escrito sobre o problema da comunicação com os resultados da sua experiência e meditação, trazendo inúmeras contribuições de grande alcance prático. Talvez a mais importante delas seja a sua teoria do parágrafo, em que vê uma unidade mínima de composição e cujo manejo certo constitui para ele iniciação efetiva na arte de escrever. Ensina, pois, ao leitor como planejar, dispor, estofar e equilibrar os parágrafos, acabando por armá-los de uma eficiente disciplina artesanal.

## LIVROS PARA O ALUNO

- LOBATO, M. **A reforma da Natureza**. São Paulo: Brasiliense, 1960.

**Dona Benta**, **Tia Nastácia** e **O Visconde de Sabugosa** são convidados pelos chefes de Estado da **Europa** para participar da Conferência da Paz de **1945**, como representantes da Humanidade e do Bom Senso. **Pedrinho** e **Narizinho** os acompanham, mas **Emília** fica no Sítio. Na verdade, Emília não quis ir porque pretendia fazer a sua “reforma da natureza”. Com a ajuda de Rã, sua amiga do **Rio de Janeiro**, ela criou o passarinho-ninho; o livro comestível; o **porco** magro (testado no **Rabicó**); o sei-lá-que-animal-é-esse (testado no **Quindim**); o bule que apita; usaram as forças **centrífuga** e **centrípeta** para manipular a **cadeira de balanço** de Dona Benta e a **cama** de Narizinho; colocaram as **abóboras** na **jabuticabeira** e as jabuticabas no pé de abóbora; o **pernilongo** cantor; a gaiola de cabelo; as **pulgas** moles e paradas no meio do ar; **moscas** sem asas; a reforma na **vaca** mocha; reforma na personalidade das **borboletas** azuis.

- BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

O livro é a história de uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir três grandes vontades (que ela esconde numa bolsa amarela) – a vontade de crescer, a de ser garoto e a de se tornar escritora. A partir dessa revelação – por si mesma uma contestação à estrutura familiar tradicional em cujo meio “criança não tem vontade” –, essa menina sensível e imaginativa conta o seu dia a dia, juntando o mundo real da família ao mundo criado por sua imaginação fértil e povoado de amigos secretos e fantasias. Ao mesmo tempo que se sucedem episódios reais e fantásticos, uma aventura espiritual se processa, e a menina segue rumo à sua afirmação como pessoa.

